

O ENSINO DE GEOGRAFIA E SUAS COMPLEXIDADES NO ESTÁGIO (SUPERVISIONADO): análises em uma escola na cidade do Crato-Ceará*

THE TEACHING OF GEOGRAPHY AND THEIR COMPLEXITIES DURING SUPERVISED INTERSHIP: analysis in a school in the city of Crato-Ceará

LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA Y SUS DIFICULTADES DURANTE LA PRÁCTICA SUPERVISIONADA: el análisis en una escuela de la ciudad de Crato-Ceará

*Marcos Allan Gonçalves de Araujo
João César Abreu de Oliveira*

Resumo: Análise sobre o estágio de regência em Geografia, no ensino fundamental, de escolas públicas, e a observação da espacialidade estabelecida pelos processos que compõem nossa realidade, fazendo e procurando os meios de ligação de tais processos com o ensino de Geografia, com interpretação de suas peculiaridades. O ensino da Geografia perpetua-se de maneira dinâmica e complexa, com isso, este artigo ressalta a importância do estágio na configuração do profissional docente, em meio ao seu espaço de atuação futura, fazendo um contraponto com a realidade empírica e a ciência estudada na sua formação. Busca compreender os modos de melhor intervir na sociedade atual com o ensino e enfatiza a práxis de pesquisa como dever docente.

Palavras-chave: Ensino. Pesquisa. Estágio supervisionado. Geografia. Formação docente.

Abstract: Analysis on the internship of conducting geography class in elementary education in public schools, and also the observation of spatial pre-determined by the processes that compose our reality, making and looking for the ways of linking of those processes with the teaching of Geography, with interpretation of its peculiarities. The teaching of geography is perpetuated in a dynamic and complex way, so this article emphasizes the importance of the internship experience in shaping the professional teacher in the middle of his future work space, causing a paradox with the empirical reality and the science studied in his training, trying to understand the best ways to intervene in the current society with education and emphasizes the practice of research as a teacher's duty.

Keywords: Teaching. Research. Supervised. Geography. Teacher education.

Resumen: Análisis de la práctica de dirección de clases de Geografía, en la educación primaria de escuelas públicas, y del espacio pre-determinado por los procesos que componen nuestra realidad, haciendo y buscando la manera de vincular estos procesos con la enseñanza de Geografía y con la interpretación de sus peculiaridades. La enseñanza de la geografía se perpetúa de forma dinámica y compleja y este artículo hace un hincapié en la importancia de la experiencia a través de la práctica de trabajo en la formación de la profesión docente en medio de su espacio de trabajo futuro, haciendo una paradoja con la realidad empírica y las ciencias que se estudian en su formación. Trata también de entender las mejores maneras de intervenir en la sociedad actual a través de la educación y hacer hincapié en la práctica de la investigación docente como un deber.

Palabras clave: Enseñanza. Investigación. bajo la supervisión. Geografía. Formación de docentes.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada na prática de estágio vem buscar uma forma de estruturação na maneira de atuar como professor e perceber as vivências e experiências que ocorrem no processo político-pedagógico, buscando um

melhor modo de entender as concepções de Geografia acadêmica e a Geografia escolar, nas instituições de ensino-aprendizagem. A pesquisa sobre a prática de estágio tem o intuito de proferir investigações na escola; tal

*Este artigo foi produzido a partir de experiências da realização do estágio supervisionado II, uma das cadeiras presentes na grade curricular do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Regional do Cariri (URCA), na Região do Cariri cearense. A pesquisa foi realizada a partir do estágio realizado na escola de ensino infantil e fundamental 18 de Maio, em Crato, no Estado do Ceará.

*Artigo recebido em maio 2011

Aprovado em agosto 2011

processo de análise contribui para o debate das questões que, por muitas vezes, dificultam as práticas docentes em geral. Essas dificuldades passam pelo modo como é concebido o estágio e as ineficientes políticas públicas de educação no país, configurado através de problemas que passam pela desatualização profissional, chegando até ao livro didático, passando pelo desinteresse dos alunos e falta de infraestrutura nas escolas.

Nesse sentido, Cunha (2004) fala que este momento de formação de professores, através do estágio, leva-nos a assumir posturas e atitudes de resistência diante das adversidades que são constatadas, procurando opções alternativas, tendo que aprender e ensinar com criatividade e crítica diante de tantas dificuldades que são postas no processo educativo, a fim de transformá-los, propiciando a formação de sujeitos participativos na sociedade.

Dentro dessa perspectiva, a ação de ensinar e aprender no contexto escolar ou acadêmico deve ser revista e transposta a todo momento, procurando inovar e construir metodologias e estratégias para que possamos desenvolver o ato político de educar, como afirma Freire (2003), na sua "Pedagogia do Oprimido", através de ações conscientizadoras, em que educador e educando possam superar as dificuldades na consolidação do processo referente ao ensino e aprendizagem, independentemente de estarmos na Universidade ou no ensino básico.

A dinamicidade do mundo, com seus espaços de vivência e suas complexidades, faz com que a pesquisa se torne efetivamente uma atribuição do professor e do aluno, buscando explicativas para a realidade, sendo necessário partir dos interessados no ato de aprender, tornando-se o conhecimento de suma importância e relevante, contribuindo para uma formação cidadã mais dinâmica e estruturada na forma e praticidade dos espaços.

Essa análise tem ainda como objetivo entender os pontos de ligações entre teoria e prática, tentando aproximar as perspectivas o máximo possível da práxis pedagógica. Vários são os tipos de intersecções sobre o estágio, as quais aparecem como forma mais próspera de buscar o melhoramento da prática docente no ensino de Geografia.

Em observações proferidas sobre o processo de estágio e da prática de iniciação à docência, bem como conversas informais com professores e alunos e o estudo sobre o livro didático, percebemos que a pesquisa em prol do melhoramento da educação deve compreender

uma das principais dinamicidades do processo de ensino e da formação de professores.

O ensino e a aprendizagem são extremamente importantes para a vida e a formação de um cidadão, por isso é tão necessária uma investigação sobre a prática docente, seja ela no estágio ou no dia a dia do Geógrafo educador (ROCHA, 1996). A pesquisa, portanto, instiga a melhoria e a curiosidade do saber fazer e ilumina as soluções em um campo por muitas vezes consagrado como inóspito, até mesmo pelos próprios sujeitos da educação.

2 A REALIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Tendo como local de pesquisa a escola 18 de Maio, na cidade do Crato- Ceará, no período compreendido de outubro a dezembro do ano de 2010, o estágio supervisionado foi realizado nos 6º, 7º, 8º, e 9º anos das séries do ensino fundamental através do acompanhamento, observação e regência na sala de aula, configurando-se de maneira a garantir experiências de prática de ensino e formação docente em processos iniciais.

A metodologia trabalhada consistiu em observação participante (DEMO, 2008), conversas informais com os professores e alunos, registro das aulas e conteúdos ministrados em diários e caderno de pesquisa, entrevistas semi-estruturada, memória fotográfica e análise do referencial teórico, que trata sobre a educação e o ensino de Geografia.

No decorrer do processo de realização de estágio, o contato com a realidade passa a ser inerente ao espaço que compreende a formação docente de cada um. Nessas circunstâncias é que o estágio pode ser visto como formação que passa pela mobilização de vários saberes, saberes que podem e devem passar por diferentes tipos de práticas docentes ou não, como saberes de uma prática reflexiva sobre a sua forma de atuação, saberes de uma teoria especializada que possibilita uma apreensão mais incisa, saberes de uma militância pedagógica que trabalhe politicamente a realidade que nos é dada, em um espaço de atuação docente e de ser político e entre outras situações encontradas no ensino (PIMENTA; LIMA, 2004).

Assim, o entender do ser professor, é entender o seu papel no campo social da comunidade em que o estagiário ou futuro professor atua. Suas funções devem ser compreendidas além da prática docente e como possibilidade de uma reconstrução constante da realidade que nos é conferida.

O ensino de maneira geral perpassa várias áreas do conhecimento, além do que diz respeito a Geografia, o mesmo encontra-se complexo e dinâmico, no que se refere a sua prática. Ele se mostra complexo em sua forma e metodologia de aplicação, pois o mundo que nos é conferido com suas aventuras em espaços cibernéticos (BAUMAN, 1999), espaços televisivos e realistas da vida, a exemplo das favelas inóspitas como única forma de moradia, fazem com que a tarefa do profissional docente exija um algo a mais, que vai além da prática docente, na qual ações transpõem as paredes das salas de aula, pois,

“Lidamos hoje com fenômenos totais, globais, que envolvem mais de uma disciplina, transcendendo o campo cada uma delas e ao mesmo tempo, esse tratamento, exigido pela substância dos problemas a enfrentar, não se descobre na soma das mesmas na interdisciplinaridade” (DAMIANI, 2009, p. 53).

Um professor tem que se mostrar atualizado e entendedor os espaços que o cercam, pois, de outra maneira, ele passa a ser enfadonho em sua atuação docente. A Geografia é a ciência do presente, que se modifica a todo instante no tempo e no espaço de nossa realidade.

A sua dinamicidade pode ser entendida no estágio e na prática docente como a forma e a boa maneira de ser um bom professor na atualidade, pois no instante em que o professor ou estagiário desprende-se das amarras e quebra paradigmas, ele começa entender a nova forma de ensinar que o mundo atual exige, ou seja, um ensino dinâmico que atravessa as fronteiras além da disciplina. Dessa forma, ele construirá a realidade em âmbito geral, na estruturação da ciência, no meio escolar, no qual:

A função de qualquer disciplina não é o entendimento de seu objeto de estudo, e sim, a partir dele, colaborar para a compreensão do todo. A geografia, por intermédio de seu objeto de estudo___ o espaço geográfico___ pode, e deve, oferecer elementos necessários para o entendimento de uma realidade mais ampla (OLIVA, 2009, p. 46).

O cenário em que as atividades docentes se fazem está como um local de inseguranças e de instabilidades constantes, porém, posto em análise, esse é lugar de comportamento investigativo do profissional docente. Dessa maneira é imprescindível a busca constante de como a atuação pode e deve proceder na atualidade.

3 O LIVRO DIDÁTICO NA CONCEPÇÃO E CONFIGURAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA

Historicamente a estruturação do ensino sempre esteve embasada didaticamente em de livros, os quais funcionaram e funcionam,

em muitas situações, como o único meio da realização da prática docente. Na academia, a constituição do ensino e da aprendizagem vai em direção completamente contrária ao das escolas de ensino básico e médio. Essa transgressão de processo no conhecimento geográfico ocorre por meio das formas como são dados os conteúdos nos livros didáticos, muitas vezes conformados em conteúdos metódicos e simplificados, desestruturando, assim, em muitas ocasiões, o verdadeiro conhecimento geográfico, subestimando a capacidade, de jovens e crianças, de pensar criticamente e criativamente (OLIVA, 2009).

A forma como o ensino de Geografia se configura em livros didáticos, atualmente, perpassa uma dinâmica de interfaces que não fala a realidade; a qual aparece camuflada em possibilidades de desmistificação e em interesses de agentes dominantes (LACOSTE, 2008). A prática de estágio, como todo e qualquer processo dentro do sistema capitalista, é ligada a uma série de fatores que estão interligados entre as forma e as possibilidades da prática de ensino e de sua maneira de ser como atividade. No ensino, essa situação estrutura-se com o instrumento do “livro didático,” que por sua vez e, em muitas situações, como o único meio de trabalho de professores e estagiários, não supre a verdadeira necessidade do conhecimento prático pedagógico da realidade.

Os livros didáticos por muitas ocasiões são de interesse de editoras e de órgãos políticos, sem uma prévia consulta com quem os vai usar realmente.

Dessa maneira, verifica-se que a adoção do livro didático tem dependido muito mais das políticas educacionais do que da decisão docente. Concorrem para o atual estado de coisas, a própria atitude docente frente a estas políticas e a forte presença das editoras nos processos decisórios em relação ao uso deste material didático que, historicamente, tem sido o condutor do processo de ensino e aprendizagem. Some-se a isso, a inexistência de programas que qualifiquem o professor para avaliação e uso deste recurso didático. Infelizmente, a forte hierarquização do processo de avaliação do livro didático acaba solapando ainda mais a capacidade de o professor avaliar o material com o qual trabalha cotidianamente (KATUTA; DEÁK, 2007, p. 7).

O livro, como instrumento de trabalho do professor, mostra-se na atualidade e no ensino de Geografia, como um meio que não mais propicia as necessidades básicas do conhecimento, necessitando, assim, de uma busca intensa de modos que venham a superar o vazio deixado pelos livros didáticos. A maioria dos livros é orquestradamente superficial e, na atualidade, é necessária uma forma muito mais interativa de atuação docente, na qual

o livro não seja “a bíblia sagrada” ou guia do profissional docente, portanto, um novo olhar sobre a utilização do livro didático possibilitará uma maior dinamicidade na prática de ensino na Geografia, sendo o livro utilizado como um dos vários instrumentos da prática docente e não como único guia de veredas.

Um exemplo da problemática utilização do livro didático como único material a ser trabalhado pelo professor e os alunos consiste na lacuna deixada por esses manuais em relação a questões locais e regionais, vivenciadas pelos atores sociais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Na sua totalidade, esses livros abordam apenas temas nacionais e globais.

Portanto, acreditamos que poderia haver políticas públicas de incentivo à publicação de livros pelos próprios professores e alunos que conhecem melhor a realidade por eles vividas, abordando questões de interesse local e regional, em conexão com as questões nacionais e globais, permitindo, assim, o desenvolvimento de uma reflexão crítica e criativa através de pesquisas realizadas pelos atores envolvidos no ato de aprender.

4 A GEOGRAFIA NO ENSINO ESCOLAR

O ensino da ciência geográfica, nas escolas, sofre um grande desprestígio pelos alunos e nessas condições é necessário e preciso que o ensino da Geografia seja mais dinâmico e motivador, desse modo, menos enfadonho. A Geografia nas escolas sofre uma revolução bem mais demorada do que no meio acadêmico, essa situação mostra-se como uma das principais dificuldades do ensino de Geografia em si (OLIVA, 2009). Essa revolução demorada é uma das principais instabilidades dos estagiários em Geografia; ela provoca no estagiário e para suas futuras funções de professor um receio na sua forma de atuar na ciência geográfica e dificuldades de transformar as teorias acadêmicas em prática de ensino geográfico nas escolas. Sendo assim, a pesquisa sobre a prática faz-se seguramente necessária, pois, a pesquisa sobre a prática e a forma de atuar como professor deve está sendo investigada (FREIRE, 2010). Essa investigação que busca melhoria orchestra-se de maneira funcional, tornando-se, em geral, uma forma constante de construção da identidade docente. Desses modo, “refletir a respeito do espaço geográfico e apostar no seu potencial explicativo da realidade, levaria ao reconhecimento do valor

educacional da geografia, pressionando para eliminar o atraso desnecessário de nossa disciplina” (OLIVA, 2009, p. 49).

Essa reflexão, citada acima, constitui um dever do professor, na atualidade, pois ela pode ser posta em realização a todo e qualquer momento do ensino e na formação do processo didático pedagógico do professor. Logo, a pesquisa na prática docente constitui-se uma ferramenta necessária para a construção de novos conhecimentos.

5 EDUCAÇÃO E ENSINO DE GEOGRAFIA NA COMPLEXIDADE

A educação e ensino de Geografia inseridos num âmbito de complexidades movem-se conforme políticas que partem das instituições educacionais ligadas ao Estado e o Ministério da Educação (MEC), ou seja, de cima para baixo, dificultando propósitos de educação propriamente dita (VECENTINI, 2009), configurando-se desta forma, uma educação falida que não comporta mais as verdadeiras necessidades dos professores e alunos.

A educação em meio ao sistema capitalista e suas imposições, como muitas coisas que fazem parte dele, mostram-se em dialética, apresentando-se de forma dualista, ou seja, como dominação e libertação em um mundo dinamizado por processos globais (VECENTINI, 2009). Como produção da burguesia detentora do capital, Vesentini afirma que a educação mostra-se como dominação quando é encrustado sobre ela o desejo da classe dominante, ou seja, a educação para serventia das necessidades mais diversas, como da indústria, por exemplo, e para a dominação ideológica, como, o ensino técnico profissionalizante, meramente produtor de mão-de-obra.

A educação ou ensino libertador estão compreendidos na relevância que o conhecimento pode acarretar na vida de cada um, no entendimento social da realidade e do ser político que é conferido a cada indivíduo presente na sociedade, uma educação reveladora de paradigmas acobertados e escondidos com intuito de dominação.

Devemos suplantar a escola atual como também o ensino que funcionam reproduzindo seres humanos dominados e homogeneizados, com seus rituais escolares carregados de opressão através de horários de aula rígidos, obrigatoriedade da frequência, elaboração de provas e exigência de fardamentos que procuram disciplinar os alunos como seres estáticos

e que devem cumprir as determinações impostas pelo capital a fim de formar mão de obra para as fábricas.

Portanto, ao entender o espaço geográfico, objeto de estudo da Geografia, o mundo pode ser desmistificado de forma mais concisa e forte, de modo que o ensino de Geografia e o seu compreender transforme o que o circunda, pois,

Para entendermos a Geografia devemos descobrir o mundo em que vivemos de forma flexível, complexa, democrática e libertária. Aprender por necessidade e por prazer. Saber por que estou aprendendo este ou aquele conteúdo. Para que vai servir este ou aquele conteúdo" (OLIVEIRA, 2003, p. 279).

Um entendimento da nossa espacialidade através de práticas educativas da Geografia não só pode desvendá-la como também associá-la a uma realidade palpável que possa colocar-se de maneira acessível para todos. A mesma pode passar por transformações em paralelo ao campo educacional, transformações essas que orquestram dinâmizações no espaço empírico de cada um e na vida social de maneira ampla, ou seja, um ensino que transforma espaços sociais e vidas.

Na compreensão de uma boa educação no ensino de Geografia em nossa atualidade é necessário que sejam quebradas barreiras e paradigmas do ensino. Dentre as barreiras a serem superadas aparecem as políticas educacionais de qualidade duvidosa imposta por organismos, programas ou instituições, caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e dos currículos das escolas, que privilegiam o ensino de matemática, física, química e português em detrimento das ciências humanas como a Geografia, História, Sociologia e Filosofia. Constata-se esse fato nas cargas horárias dessas disciplinas, que muitas vezes são mais amplas para as áreas das ciências ditas exatas e suas tecnologias.

Outro fator que complica uma educação para a prática da liberdade (FREIRE, 2010) são os salários baixos e a precarização do trabalho docente. Professores sobrecarregados de atividades e aulas, sem tempo de estudar e rever suas teorias e práticas são encontrados efetivamente na escola. Fato que provoca uma educação sem perspectiva da construção do professor reflexivo, dificultando, dessa forma, a atuação docente na realização de pesquisas investigativas, sem educar para além da vontade dos processos capitalistas e de imposições pessoais de alguns professores, sendo que:

O principal papel de uma boa educação não é formar discípulos que repitam ou reproduzam noções ou opções dos mestres e sim formar mentes criativas que pensem o novo, que contrariem todas as formas de pensamento estereotipado, inclusive aquelas voltadas para o lado do "bem" ou da "utopia" (VECENTINI, p. 25, 2009).

Logo, entende-se que a educação passa por políticas públicas de valorização do profissional docente e mais financiamento para a melhoria salarial do professor e das escolas, bem como campanhas educacionais que possam sensibilizar a sociedade para a importância de todos estudar e aprender com qualidade realizando pesquisas científicas que venham intervir na vida cotidiana.

6 A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Em uma formação compreendida como campo de atuação docente, o estágio instrumentaliza uma condição de mundo que passa a ser vista ampla e diversificadamente, em que a mesma estrutura-se mais eficazmente de forma a buscar um entender das significâncias docente e a sua razão social. Uma prática de estágio embasada em pesquisa, melhoria e busca de formas diferentes da realização de uma prática docente, programa uma apreensão de espaços no conhecimento do "ser" professor, do entender sobre o caráter e a função do mesmo na sociedade (PIMENTA; LIMA, 2004).

Uma compreensão sobre a função do professor configura-se em uma dinamicidade que é instigada e problematizada na realização do estágio, sendo este um momento que "possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis a construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente" (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 61).

Na prática de estágio os espaços passam a ser desvendados para quem o realiza e esse processo comporta-se de maneira a estar sempre a se renovar, ou seja, o estágio transpõe todas essas caracterizações, porém elas já fazem parte do dia a dia de professores e professoras, por isso é que a pesquisa faz-se necessária na prática docente, mas é preciso também uma revisão nas políticas educacionais. Essas não incentivam de nenhum modo a pesquisa na escola, neste sentido o entendimento sobre significações que cercam o ensino faz-se necessário e compreensível para uma prática docente e uma formação verdadeiramente preocupada com a qualidade do ensino e das condições de trabalho do profes-

sor de Geografia ou de qual que outra ciência no âmbito do ensino, teorizando e politizando esse meio, logo;

A fertilidade da prática para a formação está em se considerar inseparáveis teoria e prática, pois a primeira tem o papel de oferecer perspectivas de análise aos professores, desenvolvendo saberes necessários à compreensão dos contextos históricos, sociais e organizacionais e de si mesmos como profissionais, dotando-os de pontos de vista variados para uma ação contextualizada. As capacidades emancipatórias e transformadora dos professores não se nutrem apenas da sua prática isolada, resultante de uma reflexão que se dá em torno de si própria, que ignora o contexto institucional e social (CUNHA, 2004, p. 9).

A dinâmica comportamental dessa prática empreende-se em meio a uma sociedade e nesta situação é que a aceitação do papel docente e ao mesmo tempo a apreensão da realidade busca, em geral, mudanças que passam pela figura do profissional docente; o estágio passa essa realidade como nenhuma outra atividade do meio acadêmico, pois o entender antecipado da forma de atuar como professor configura a postura que deve assumir o graduando na sua realidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises aqui deferidas compreendem a dinâmica atual que demonstra as complexidades apresentadas na construção do ensino da Geografia. Nesta pesquisa, em um espaço de ensino, o estágio vem configurar-se no momento de apreensão da realidade vivenciada na escola 18 de Maio, na cidade do Crato-Ceará, sendo deixado de lado o romantismo e o glamour que é a aula na universidade. Essa ação produz um conhecimento de mundo e apreensão do que compõe os espaços do ensino, ou seja, a realidade sem camuflagens, com péssimos livros, salários desprezíveis e a falta de estrutura do sistema educacional.

Dessa forma, na escola pesquisada constataram-se algumas questões tratadas acima, mas que existem diversidades de propostas e experiências de escolas, pois foi abordado um caso singular onde existem problemas no sistema educacional, cujos resultados analisados permitiram perceber a forma contraditória de tratar o ensino de Geografia e a educação no Brasil.

A proposta deste trabalho foi problematizar e analisar a concepção do estágio e suas implicações, como também buscar a ampliação do debate sobre a prática de ensino. Nestas circunstâncias entender a dinâmica que configura a formação de professores tendo como base a prática embasada na investigação e na pesquisa

consistiram as discussões travadas neste artigo no sentido de pensar a educação, a escola, o ensino e a profissionalização docente.

O ser professor, o ensinar, o estar no mundo e tentar entendê-lo nos aspectos que correspondem à Geografia são questões que merecem um entendimento desmistificador de paradigmas; o mesmo apresenta-se como meio prático de ser um professor provedor de mudanças e formador de cidadãos permitindo ações para a melhoria da sociedade.

Essas mudanças de postura no estágio ou na vida docente é um momento de estruturação do conhecimento de ser professor, momento que está em processamento ao longo da realização do curso de licenciatura ou da vida como professor pesquisador. É preciso um ensino que provoque uma conexão com a teoria e a pesquisa resultando na práxis pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos vão para os colegas de sala, pelos debates empreendidos, ao Colégio 18 de Maio pela oportunidade de estagiar e pesquisar em seu espaço, aos professores da escola, como também aos professores doutores João César Abreu de Oliveira e Josier Ferreira da Silva pelas orientações e a professora Sandra Maria da Costa Lima pela correção gramatical.

REFERÊNCIA

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização e as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zarar, 2009.

CUNHA, Maria Soares. Formação e prática docente no ensino fundamental e médio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6., 2004, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Diretoria Executiva Nacional; Instituto de Estudos Sócio- Ambientais; Universidade Federal de Goiás, 2004.

DAMIANI, Amélia Luiza. A geografia e a construção da cidadania: In: CARLOS, A. F. A. (Org.). *A geografia na sala de aula*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 50-51.

DEMO, Pedro. *Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos*. Brasília, DF: Líber Livro, 2004. (Série Pesquisa, v. 8).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. 41. reimp., São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

KATUTA, Ângela Massumi; DEÁK, Simone Conceição Pereira. *O livro de geografia para as séries iniciais do ensino fundamental e formação docente no Brasil*. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em: 16 jan. 2011.

LACOSTE, Yves. *A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

OLIVA, Tadeu Jaime. Ensino de geografia: um retardo desnecessário. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). *A geografia na sala de aula*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 34-49.

OLIVEIRA, J. C. A. Geografia e o mundo hoje: reflexões sobre teoria e método no

conhecimento geográfico da atualidade. *Ciência Geográfica*, v. 9, p. 225-294, 2003.

PIMENTA, Selma G; LIMA, Mari Socorro L. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2004.

ROCHA, Genilton Odilon Rêgo da. Ensino de geografia e a formação do geógrafo-educador. *Terra Livre*, São Paulo, v. 11/12, p. 177-188, 1996.

VECENTINI, José Willian. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). *A geografia na sala de aula*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 14-33.